

“Paz Civil”, de Chinua Achebe

Livia Pacini Martuscelli¹

Resumo: Nesta colaboração, propomos uma tradução para o conto *Civil Peace*, de Chinua Achebe, inédito em publicações editoriais no Brasil até o momento. A narrativa, escrita logo após o fim da guerra civil nigeriana, traz questões linguísticas interessantes, como a reprodução do *pidgin* da Nigéria na fala de personagens contraventores.

Palavras-chave: literatura nigeriana; tradução literária; *pidgin* nigeriano; Chinua Achebe

Introdução

Quando se pensa em escritores da Nigéria, Chinua Achebe (1930-2013) é, sem dúvida, um dos nomes mais proeminentes, senão o maior. O seu primeiro romance, *O Mundo se Despedaça* (1958), tido como o fundador da literatura nigeriana moderna, transformou-se em um grande sucesso e foi o responsável pela sua consagração mundial. Ao longo da produtiva década de 1960, Achebe também publicou *A Paz Dura Pouco* (1960) e *A Flecha de Deus* (1964), romances nos quais continua a explorar os temas do colonialismo e da cultura igbo, além de *A Man of the People* (1967). No ano de 1967, a Guerra de Biafra é iniciada e interrompe a sequência de romances. O autor foi um apoiador da independência de Biafra e, após o fim do conflito, com a derrota dos separatistas em 1970, passou a escrever apenas formas breves, como contos e poemas, retomando as

¹ É bacharela em Letras (português e inglês) pela FFLCH-USP. É professora de inglês há dez anos e tradutora do idioma há cinco anos. Suas principais áreas de interesse são a tradução literária e a literatura produzida em inglês fora do eixo Europa-Estados Unidos.

narrativas mais longas apenas em 1987, com a publicação do romance *Anthills of the Savannah*. Apesar do prestígio de seus romances, os contos não receberam a devida atenção. Tanto é que, no Brasil, não foram traduzidos e publicados. *Civil Peace* é um conto de 1971, reunido na coleção *Girls at War and Other Stories* (1972), juntamente com outras narrativas que vão da época de sua graduação até os tempos da guerra.

Notas sobre a tradução

Civil Peace apresenta ao tradutor alguns dilemas e questões delicadas, dentre os quais se destacam três. Em primeiro lugar, temos o contexto cultural do pós-guerra e da perseguição aos igbos, sinalizado logo de início com a menção da expressão ‘*Happy Survival*’, que merece atenção. Após a trégua, em 1970, o povo igbo, que vinha sendo massacrado desde 1966, passou a usar tal expressão no lugar do cumprimento habitual. Mais tarde, foi popularizada em uma canção. De tal forma, preferimos mantê-la em inglês para que a referência não se apagasse ao leitor mais interessado em se aprofundar com uma pesquisa.

O segundo ponto trata-se da expressão ‘*ex gratia*’, utilizada para denotar uma recompensa voluntária que o Estado ofereceu a quem entregava dinheiro biafrense. No conto, as pessoas que a recebiam não conseguiam pronunciar direito a expressão e acabavam trocando-a por ‘*egg-rasher*’. Optamos por manter a semelhança sonora, mas acabamos perdendo a alusão à comida. A nossa escolha privilegia o sentido da expressão original, ou seja, de algo feito sem obrigação.

Por fim, a questão de maior complexidade foi a presença de um diálogo em pidgin da Nigéria. Na narrativa, Jonathan, que é o personagem principal, utiliza a variante formal do inglês, enquanto os ladrões que vão roubar a sua recompensa utilizam o pidgin, que acaba por servir como índice de marginalidade e diferença social. Como seria impossível recriar em português algo que se assemelhasse ao *Nigerian pidgin*, a nossa escolha tradutória foi a de não reproduzir a oralidade por meio de expressões características de variantes do português brasileiro que fossem associadas a regiões específicas, como Nordeste, Minas Gerais, Rio Grande do Sul etc. Para tal, buscamos algumas estratégias que fugissem à norma padrão de uma forma menos localizada, como o apagamento do ‘s’ no final de alguns verbos, a ausência de concordância entre pronome e verbo e o emprego de um léxico mais informal de modo geral. Por mais que não se reproduza, na tradução, a barreira de entendimento que um leitor de inglês fora da Nigéria teria, também não se produz uma confusão elementar de referentes culturais e geográficos.

A última observação digna de nota é que não traduzimos duas palavras, a saber, *àkàràs* e *katakata*. No primeiro caso, decidimos não trocar *àkàràs* por *acarajés* pelo mesmo motivo enunciado acima – trata-se de um referente muito explícito à Bahia. No segundo, foi uma tentativa de inserir uma referência mais clara à cultura *igbo* e um certo estranhamento, mesmo que seja possível inferir seu significado (caos, confusão) pelo contexto.

Paz Civil

Jonathan Iwegbu considerava-se um grande sortudo. Para ele, *'Happy Survival'* era muito mais do que a simples moda corrente de cumprimentar velhos amigos nos primeiros dias nebulosos de paz. Ressoava profundamente no seu coração. Ele saíra da guerra com cinco bênçãos inestimáveis – a sua cabeça, a cabeça da esposa Maria e as cabeças de três dos seus quatro filhos. E ainda de bônus lhe sobrara a antiga bicicleta – um milagre também, mas naturalmente incomparável ao da segurança de cinco cabeças humanas.

A bicicleta tinha a própria historieta. Um dia, no auge da guerra, foi requisitada 'para ação militar urgente'. Por mais que a dor da perda pudesse ser grande, ele não pensaria duas vezes antes de abrir mão dela se não fosse a dúvida quanto à autenticidade do oficial. Não foram os seus lastimáveis andrajos nem os dedos dos pés espiando pelos sapatos de lona, um pé marrom, o outro azul, nem sequer as duas estrelas da insígnia, obviamente desenhadas com pressa e caneta esferográfica, que perturbaram Jonathan; muitos soldados bons e heroicos tinham aspecto igual ou pior. Fora mais uma certa falta de autoridade e firmeza nos seus modos. Logo, Jonathan, ao suspeitar de que ele pudesse ser passível de influência, vasculhou a bolsa de rafia e pegou as duas libras com as quais havia saído para comprar lenha que a sua esposa, Maria, vendia a oficiais acampados para comprar mais peixe desidratado e farinha de milho, e recuperou a bicicleta. Na mesma noite, enterrou-na na pequena clareira, no mato onde os mortos do acampamento, incluindo o seu próprio filho caçula, estavam enterrados. Quando ele a desenterrou um ano mais tarde, após a rendição, bastou que a lubrificasse com um pouco de óleo de palma. "Deus não conhece enigmas", disse, embevecido.

Colocou-a em uso imediatamente como táxi e acumulou uma pilha modesta de dinheiro biafrense transportando oficiais acampados e as suas famílias por um trecho de seis quilômetros até a estrada asfaltada mais próxima. Cobrava uma tarifa padrão de seis libras por viagem, e quem tinha dinheiro ficava feliz em poder, dessa forma, se livrar de uma parcela do total. Ao fim de uma quinzena, já havia juntado uma pequena fortuna de cento e quinze libras.

Depois, seguiu para Enugu, onde havia outro milagre esperando por ele. Era inacreditável. Esfregou os olhos, olhou de novo e o milagre ainda estava lá, diante de si. Porém, era evidente que até mesmo aquela dádiva monumental deveria ser considerada absolutamente inferior às cinco cabeças da família. O mais novo milagre era a sua casinha em Ogui Oversight. É verdade que Deus não conhece enigmas! Não mais do que a duas casas de distância, um enorme edifício de concreto que um empreiteiro abastado havia erguido logo antes da guerra não passava agora de uma montanha de escombros. E lá estava a pequena casa de zinco de Jonathan, construída sem arrependimentos com blocos de terra, relativamente intacta! É claro que faltavam as portas e janelas e cinco telhas.

Mas isso não era nada! De qualquer forma, ele havia retornado para Enugu a tempo de catar pela vizinhança pedaços velhos de zinco, madeira e placas de papelão ensopadas antes que outros milhares saíssem das suas tocas na floresta em busca das mesmas coisas.

Arrumou um carpinteiro desvalido com um martelo velho, uma plaina sem corte e alguns pregos tortos e enferrujados na caixa de ferramentas para transformar o sortimento de madeira, papelão e metal em uma porta e em janelas venezianas por cinco *shillings* nigerianos ou cinquenta libras biafrenses. Ele pagou e se mudou com a sua família exultante, carregando cinco cabeças sobre os seus ombros.

Os seus filhos colhiam mangas perto do cemitério militar e as vendiam às esposas dos soldados por alguns centavos – de verdade dessa vez – e a sua mulher começou a fritar *àkàràs* para os vizinhos, ansiosa por recomeçar a vida. Com os ganhos da família, ele levou a bicicleta às vilas próximas e comprou vinho de palma fresco. De volta à casa, misturou-o a uma quantia generosa da água que há pouco tempo voltara a correr da torneira pública da estrada e abriu um bar para os soldados e outras pessoas afortunadas que tinham um bom dinheiro.

No começo, ia aos prédios da Corporação de Carvão, onde trabalhara como mineiro, todos os dias, depois, em dias alternados e, finalmente, uma vez por semana, para descobrir em que pé estavam as coisas. Só descobriu que aquela sua casinha tinha sido uma bênção ainda maior do que imaginara. Alguns de seus ex-colegas mineiros que não tinham para onde voltar após um dia de espera simplesmente dormiam para fora, na porta dos prédios, e cozinhavam o que quer conseguissem filar na rua em latas de achocolatado. Conforme as semanas foram se estendendo sem que ninguém conseguisse dizer em que pé as coisas estavam, Jonathan interrompeu as suas visitas semanais de uma vez e encarou o seu bar de vinho de palma.

Mas Deus não conhece enigmas. Chegou o dia da bonança inesperada, quando, após cinco dias de brigas intermináveis em filas e mais filas sob o sol à porta do Departamento do Tesouro, ele segurou na palma da mão vinte libras oferecidas a título de recompensa *ex gratia* pelo dinheiro rebelde que havia entregado. Quando os pagamentos começaram, foi como se o Natal tivesse chegado para ele e muitos outros iguais a ele. Todos começaram a chamá-lo (já que poucos conseguiam pronunciar o nome correto) de “é de graça”.

Assim que as notas foram depositadas em sua mão, Jonathan só as apertou com força e enterrou punho e dinheiro no bolso da calça. Ele precisava ter muito cuidado, pois, há uns dias, tinha visto um homem tombar à beira da loucura na frente da multidão oceânica, porque, mal havia posto as mãos nas vinte libras, um rufião desalmado as tomara de si. Embora não fosse justo que um homem em tamanho estado de agonia levasse a culpa, muitas das filas naquele dia foram capazes de comentar silenciosamente sobre a falta de cuidado da vítima, principalmente depois que ele puxou o bolso para fora e revelou um buraco grande o bastante para passar a cabeça de um ladrão. Mas é claro que ele insistira que o dinheiro estava no outro bolso, puxando-o também para mostrar a comparativa falta de buraco. Logo, era necessário ter cuidado.

Jonathan tratou de passar o dinheiro para a mão e para o bolso esquerdo a fim de deixar a mão direita livre para cumprimentos em caso de necessidade, embora tenha garantido que essa necessidade não viesse a existir fixando o olhar em um ponto elevado onde não veria nenhum dos rostos humanos que se aproximavam até que chegasse em casa.

Ele costumava dormir pesado, mas, naquela noite, ouviu os vizinhos se calarem um a um. Até o vigia que anunciava a hora em alguma peça de metal à distância tinha silenciado após bater uma em ponto. Esse deve ter sido o último pensamento de Jonathan antes de finalmente se deixar levar. Porém, não havia dormido por muito tempo quando foi acordado com violência.

“Quem está na porta?” sussurrou a sua mulher deitada no chão ao seu lado.

“Não sei”, respondeu em um cochicho arquejante.

Na segunda vez, a batida foi tão alta e autoritária que poderia ter derrubado a porta velha e oscilante.

“Quem é?” ele enfim perguntou com a voz esturricada e trêmula.

“Ladrão aqui e o pessoal dele”, veio a resposta indiferente. “Vai, abre essa porta”. E seguiu com a batida mais forte de todas.

Maria foi a primeira a pedir socorro, depois ele e por fim todos os filhos.

“Polícia-aaa! Ladrão-ooo! Vizinho-ooo! Polícia-aaa! Estamos perdidos! Estamos mortos! Vizinhos, vocês estão dormindo? Acordem! Polícia-aaa!”

Os apelos se estenderam por um bom tempo e depois pararam repentinamente. Talvez eles tivessem espantado os ladrões. O silêncio era absoluto. Mas não durou muito.

“Tá acabado?” perguntou a voz lá fora. “Deixa nós te ajudar também. Vamos lá, pessoal!”

“Polícia-aaa! Ladrão-ooo! Vizinho-ooo! Nós tá perdido-ooo! Polícia-aaa!”

Havia pelo menos mais cinco vozes além da do líder.

Jonathan e a sua família estavam completamente paralisados de pânico. Maria e as crianças soltavam soluços inaudíveis como almas perdidas. Jonathan não parava de gemer.

O silêncio seguido ao apelo dos ladrões vibrava de modo atroz. Jonathan estava quase implorando para que o líder voltasse a falar e acabasse logo com aquilo.

“Amizade,” finalmente falou, “nós tentou chamar eles mas eu acho que eles dormiu... Então o que a gente fazemo agora? Tu quer chamar os soldado? Ou quer que nós chame eles pra tu? Soldado é melhor que polícia. Né não?”

“É mesmo!” responderam os homens. Jonathan achou que havia ainda mais vozes agora do que antes e gemeu profundamente. As suas pernas amoleciam sob seu peso e a sua garganta era uma lixa.

“Amizade, por que você não fala mais? Estou perguntando se tu quer que nós chama os soldado?”

“Não.”

“Tá bom. Agora é hora de falar de negócios. Nós não é ladrão ruim. Nós não gosta de criar problema. O problema acabou. A guerra acabou e toda a *katakata* aqui dentro. Guerra Civil não tem mais. Agora é a Paz Civil. Né não?”

“É mesmo!” retrucou o terrível coro.

“O que vocês querem de mim? Sou um homem pobre. Tudo o que tinha se foi com essa guerra. Por que estão atrás de mim? Vocês conhecem pessoas que têm dinheiro. Nós...”

"Tá bom! Nós sabe que tu não tem dinheiro a rodo. Mas nós não tem nada. Então vê se abre essa janela e dá cem libras pra nós e a gente vaza. Senão a gente entra aí dentro agora pra te mostrar nosso instrumento aqui..."

Uma saraivada da metralhadora automática ecoou pelo céu. Maria e as crianças voltaram a abrir o berreiro.

"Ah, lá vai a madame chorar de novo. Não precisa disso. Nós já falou que é ladrão de bem. A gente só vai pegar o nosso dinheirinho e dar o fora na boa. Sem chateação. A gente tá chateando?"

"Que nada!" cantou o coro.

"Meus amigos," Jonathan começou, com a voz rouca. "Entendo o que vocês dizem e agradeço. Se eu tivesse cem libras..."

"Olha aqui, amizade, nós não tá pra brincadeira. Se a gente errar e entrar, você não vai gostar. Então..."

"Pelo Deus que me deu a vida, se vocês entrarem e acharem cem libras, peguem-nas e atirem em mim, na minha mulher e nos meus filhos. Eu juro por Deus. O único dinheiro que tenho nessa vida são essas vinte libras – o é de graça que me deram hoje..."

"OK. O tempo tá passando. Abre essa janela e traz essas vinte libra. Vamo resolver isso assim."

Agora um burburinho de objeção se avolumava no coro: "É mentira; tem dinheiro sim... Vamos nós entrar lá dentro e procurar direito... O que é vinte libra?..."

"Cala boca!" retumbou a voz do líder como um tiro solitário no céu, silenciando os murmúrios de uma só vez. "Tu tá aí? Traz rápido o dinheiro!"

"Estou indo", respondeu Jonathan, atrapalhando-se na escuridão com a chave da pequena caixa de madeira que deixava ao lado da esteira.

*

Ao primeiro sinal da luz, conforme os vizinhos e os demais se juntavam em solidariedade, ele já atava o garrafão de vinte litros ao bagageiro da bicicleta, e a sua mulher, suando à beira do fogo, virava os àkàrns em uma grande tigela de barro com óleo fervendo. No canto, o seu filho mais velho enxaguava os restos do vinho de palma do dia anterior que haviam sobrado em garrafas antigas de cerveja.

"Para mim, não foi nada," disse aos que lhe prestavam apoio, os olhos na corda que amarrava. "O que é um é de graça? Eu dependia dele na semana passada? Por acaso ele vale mais do que as outras coisas que foram levadas pela guerra? Digo eu, que o é de graça pereça no fogo! Que vá ao mesmo lugar para onde tudo o mais se foi. Deus não conhece enigmas."

Civil Peace

Jonathan Iwegbu counted himself extra-ordinarily lucky. 'Happy survival!' meant so much more to him than just a current fashion of greeting old friends in the first hazy days of peace. It went deep to his heart. He had come out of the war with five inestimable blessings--his head, his wife Maria's head and the heads of three out of their four children. As a bonus he also had his old bicycle – a miracle too but naturally not to be compared to the safety of five human heads.

The bicycle had a little history of its own. One day at the height of the war it was commandeered 'for urgent military action'. Hard as its loss would have been to him he would still have let it go without a thought had he not had some doubts about the genuineness of the officer. It wasn't his disreputable rags, nor the toes peeping out of one blue and one brown canvas shoes, nor yet the two stars of his rank done obviously in a hurry in biro, that troubled Jonathan; many good and heroic soldiers looked the same or worse. It was rather a certain lack of grip and firmness in his manner. So Jonathan, suspecting he might be amenable to influence, rummaged in his raffia bag and produced the two pounds with which he had been going to buy firewood which his wife, Maria, retailed to camp officials for extra stock-fish and corn meal, and got his bicycle back. That night he buried it in the little clearing in the bush where the dead of the camp, including his own youngest son, were buried. When he dug it up again a year later after the surrender all it needed was a little palm-oil greasing. 'Nothing puzzles God,' he said in wonder.

He put it to immediate use as a taxi and accumulated a small pile of Biafran money ferrying camp officials and their families across the four-mile stretch to the nearest tarred road. His standard charge per trip was six pounds and those who had the money were only glad to be rid of some of it in this way. At the end of a fortnight he had made a small fortune of one hundred and fifteen pounds.

Then he made the journey to Enugu and found another miracle waiting for him. It was unbelievable. He rubbed his eyes and looked again and it was still standing there before him. But, needless to say, even that monumental blessing must be accounted also totally inferior to the five heads in the family. This newest miracle was his little house in Ogui Overside. Indeed nothing puzzles God! Only two houses away a huge concrete edifice some wealthy contractor had put up just before the war was a mountain of rubble. And here was Jonathan's little zinc house of no regrets built with mud blocks quite intact! Of course the doors and windows were missing and five sheets off the roof.

But what was that? And anyhow he had returned to Enugu early enough to pick up bits of old zinc and wood and soggy sheets of cardboard lying around the neighbourhood before thousands more came out of their forest holes looking for the same things. He got a destitute carpenter with one old hammer, a blunt plane and a few bent and rusty nails in his tool bag to turn this assortment of wood, paper and metal into door and window

shutters for five Nigerian shillings or fifty Biafran pounds. He paid the pounds, and moved in with his overjoyed family carrying five heads on their shoulders.

His children picked mangoes near the military cemetery and sold them to soldiers' wives for a few pennies – real pennies this time – and his wife started making breakfast akara balls for neighbours in a hurry to start life again. With his family earnings he took his bicycle to the villages around and bought fresh palm-wine which he mixed generously in his rooms with the water which had recently started running again in the public tap down the road, and opened up a bar for soldiers and other lucky people with good money.

At first he went daily, then every other day and finally once a week, to the offices of the Coal Corporation where he used to be a miner, to find out what was what. The only thing he did find out in the end was that that little house of his was even a greater blessing than he had thought. Some of his fellow ex-miners who had nowhere to return at the end of the day's waiting just slept outside the doors of the offices and cooked what meal they could scrounge together in Bournvita tins. As the weeks lengthened and still nobody could say what was what Jonathan discontinued his weekly visits altogether and faced his palm-wine bar.

But nothing puzzles God. Came the day of the windfall when after five days of endless scuffles in queues and counter-queues in the sun outside the Treasury he had twenty pounds counted into his palms as exgratia award for the rebel money he had turned in. It was like Christmas for him and for many others like him when the payments began. They called it (since few could manage its proper official name) 'egg-rasher'.

As soon as the pound notes were placed in his palm Jonathan simply closed it tight over them and buried fist and money inside his trouser pocket. He had to be extra careful because he had seen a man a couple of days earlier collapse into near-madness in an instant before that oceanic crowd because no sooner had he got his twenty pounds than some heartless ruffian picked it off him. Though it was not right that a man in such na extremity of agony should be blamed yet many in the queues that day were able to remark quietly on the victim's carelessness, especially after he pulled out the innards of his pocket and revealed a hole in it big enough to pass a thief's head. But of course he had insisted that the money had been in the other pocket, pulling it out too to show its comparative wholeness. So one had to be careful.

Jonathan soon transferred the money to his left hand and pocket so as to leave his right free for shaking hands should the need arise, though by fixing his gaze at such an elevation as to miss all approaching human faces he made sure that the need did not arise, until he got home.

He was normally a heavy sleeper but that night he heard all the neighbourhood noises die down one after another. Even the night watchman who knocked the hour on some metal somewhere in the distance had fallen silent after knocking one o'clock. That must have been the last thought in Jonathan's mind before he was finally carried away himself. He couldn't have been gone for long, though, when he was violently awakened again.

‘Who is knocking?’ whispered his wife lying beside him on the floor.

‘I don’t know,’ he whispered back breathlessly.

The second time the knocking came it was so loud and imperious that the rickety old door could have fallen down.

‘Who is knocking?’ he asked then, his voice parched and trembling.

‘Na tief-man and him people,’ came the cool reply. ‘Make you hopen de door.’ This was followed by the heaviest knocking of all.

Maria was the first to raise the alarm, then he followed and all their children.

‘Police-o! Thieves-o! Neighbours-o! Police-o! We are lost! We are dead! Neighbours, are you asleep? Wake up! Police-o!’

This went on for a long time and then stopped suddenly. Perhaps they had scared the thief away. There was total silence. But only for a short while.

‘You done finish?’ asked the voice outside. ‘Make we help you small. Oya, everybody!’

‘Police-o! Tief-man-o! Neighbours-o! we done loss-o! Police-o!...’

There were at least five other voices besides the leader’s.

Jonathan and his family were now completely paralysed by terror. Maria and the children sobbed inaudibly like lost souls. Jonathan groaned continuously.

The silence that followed the thieves’ alarm vibrated horribly. Jonathan all but begged their leader to speak again and be done with it.

‘My frien,’ said he at long last, ‘we don try our best for call dem but I tink say dem all done sleep-o... So wetin we go do now? Sometaim you wan call soja? Or you wan make we call dem for you? Soja better pass police. No be so?’

‘Na so!’ replied his men. Jonathan thought he heard even more voices now than before and groaned heavily. His legs were sagging under him and his throat felt like sandpaper.

‘My frien, why you no de talk again. I de ask you say you wan make we call soja?’

‘No’.

‘Awrighto. Now make we talk business. We no be bad tief. We no like for make trouble. Trouble done finish. War done finish and all the katakata wey de for inside. No Civil War again. This time na Civil Peace. No be so?’

‘Na so!’ answered the horrible chorus.

‘What do you want from me? I am a poor man. Everything I had went with this war. Why do you come to me? You know people who have money. We...’

‘Awright! We know say you no get plenty money. But we sef no get even anini. So derefore make you open dis window and give us one hundred pound and we go commot. Orderwise we de come for inside now to show you guitar-boy like dis...’

A volley of automatic fire rang through the sky. Maria and the children began to weep aloud again.

'Ah, missisi de cry again. No need for dat. We done talk say we na good tief. We just take our small money and go nwayorly. No molest. Abi we de molest?'

'At all!' sang the chorus.

'My friends,' began Jonathan hoarsely. 'I hear what you say and I thank you. If I had one hundred pounds...'

'Lookia my frien, no be play we come play for your house. If we make mistake and step for inside you no go like am-o. So derefore...'

'To God who made me; if you come inside and find one hundred pounds, take it and shoot me and shoot my wife and children. I swear to God. The only money I have in this life is this twenty-pounds 'egg-rasher' they gave me today...'

'OK. Time de go. Make you open dis window and bring the twenty pound. We go manage am like dat.'

There were now loud murmurs of dissent among the chorus: 'Na lie de man de lie; e get plenty money... Make we go inside and search properly well... Wetin be twenty pound?...'

'Shurrap!' rang the leader's voice like a lone shot in the sky and silenced the murmuring at once. 'Are you dere? Bring the money quick!'

'I am coming,' said Jonathan fumbling in the darkness with the key of the small wooden box he kept by his side on the mat.

*

At the first sign of light as neighbours and others assembled to commiserate with him he was already strapping his five-gallon demijohn to his bicycle carrier and his wife, sweating in the open fire, was turning over akara balls in a wide clay bowl of boiling oil. In the corner his eldest son was rinsing out dregs of yesterday's palm wine from old beer bottles.

'I count it as nothing,' he told his sympathizers, his eyes on the rope he was tying. 'What is 'egg-rasher'? Did I depend on it last week? Or is it greater than other things that went with the war? I say, let 'egg-rasher' perish in the flames! Let it go where everything else has gone. Nothing puzzles God.'

Referência bibliográfica

ACHEBE, Chinua. *Girls at War and Other Stories*. London: Heinemann Educational Books, 1972.